

A CITAÇÃO NA ESCRITA ACADÊMICO-CIENTÍFICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: DA PARÁFRASE AO PLÁGIO

José Cezinaldo Rocha Bessa¹

Rosângela Alves dos Santos Bernardino²

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento³

RESUMO: Neste trabalho, exploramos o uso da citação em textos acadêmico-científicos, focalizando os limites da apropriação do dizer do outro na escrita de estudantes universitários. Para orientar nossas reflexões, utilizamos, como base teórica, os estudos de Hilgert (2002), Santos (2000), Paiva (2005), Eco (1991), entre outros. O *corpus* é composto de textos escritos (monografias de graduação) por estudantes do ensino superior, recortados de banco de dados de pesquisas que temos desenvolvido no Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET). A análise mostra dificuldades de paráfraseamento ou reformulação de um texto por parte dos estudantes do ensino superior, resultando, conseqüentemente, em manifestação de plágio. Essa dificuldade se dá em casos de reprodução literal das palavras do texto-fonte, mascaradas pela explicitação do nome de seu autor e pela ausência de aspas, evidenciando que o autor não se deu ao trabalho de expressar com suas próprias palavras o dito no texto-fonte, não conseguindo, portanto, realizar uma atividade de reformulação textual. Essa constatação sinaliza para uma maior atenção por parte dos professores do ensino superior, orientadores e examinadores de textos acadêmicoscientíficos, de todas as áreas do conhecimento, no sentido de serem mais vigilantes na orientação e na correção de textos. Além disso, esses resultados apontam para a necessidade de instigar cada vez mais o exercício da paráfrase, como estratégia de reformulação textual, desde o início da formação acadêmica, na perspectiva de ajudar os estudantes a superarem as dificuldades de interpretar e construir sentidos para os textos que leem.

PALAVRAS-CHAVE: citação; estudantes universitários; paráfrase; reformulação textual; plágio.

¹ Professor do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), lotado no *Campus* de Pau dos Ferros. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *Campus* de Araraquara. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa Slovo e do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET). Pau dos Ferros, RN, Brasil, e-mail cezinaldobessa@uern.br.

² Professora do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), lotada no *Campus* de Pau dos Ferros. Mestre e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET). Pau dos Ferros, RN, Brasil, e-mail rosangelabernardino@uern.br.

³ Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Graduando em Letras/Português da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET). Pau dos Ferros, RN, Brasil, email ilderlandionascimento@yahoo.com.br.

ABSTRACT: This work explores the uses of quotation in academic scientific texts focus on the limits that undergraduate students take other's words when they write. To guide our reflections we took a theory base from scholars like Hilgert (2002), Santos (2000), Paiva (2005), Eco (1991), among others. The research corpus is formed by written text (graduate monograph works) from undergraduate students. This corpus was taken from a larger data bank in which our group research has been worked (Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto - GPET). The analysis shows that there are difficulties in paraphrase or in reformulating texts by students in undergraduate level at the university, consequently they do plagiarism. Those difficulties occur in case that undergraduate students have to reproduce literal words from source text quoted where the writer put the name of the author and do not use quotes, so this can show that the student-writer did not paraphrase source text in his own words, this way he did not get success in reformulate text. This fact can sign that Professors, testers, and members that read academic monograph works need to a greater attention when guide undergraduate students in all area knowledge, in a sense to be more experts in guiding this kind of works. Beside this, the results point out that there is a need to instigate students to exercise paraphrase, as an strategy to reformulate writing texts, and that this has to be done at the beginning of academic education, all this in the perspective to help students in get success in difficulties they have to understand and construct meaning to what they read.

KEY WORDS: quotation, undergraduate students, paraphrase, text reformulation, plagiarism.

1. Introdução

Trabalhos diversos no campo dos estudos da linguagem têm, desde longa data (de finais da década de 70, e a partir do início dos anos 80, sobretudo), demonstrado que a relação do aluno com a escrita, seja na educação básica, seja na educação superior, mostra-se bastante conflituosa. De lá para cá, várias pesquisas reiteram a constatação de diversas dificuldades nos textos escritos por esses alunos, que englobam desde aspectos relativos à articulação de ideias até aqueles de ordem meramente estrutural e/ou formal.

Num caso mais específico, é sabido que, no ensino superior, essas dificuldades se manifestam nos textos escritos por estudantes universitários. Estudos de Figueiredo e Bonini (2006) comprovam, por exemplo, que muitas dessas dificuldades persistem e atravessam todo o processo de formação desses estudantes no ensino superior, acompanhando-os também nos cursos de pós-graduação e que quando esses estudantes (de pós-graduação) se deparam com a necessidade de escreverem textos mais especializados, como é o caso de textos acadêmico-científicos, muitos deles evidenciam dificuldades tanto na organização formal desses textos como na construção de uma linha argumentativa e/ou expositiva. Ademais, estudos desenvolvidos sobre a temática do discurso do outro em textos acadêmicos (BESSA, 2007, BERNARDINO, 2009; BESSA, BERNARDINO, NASCIMENTO, 2011) têm mostrado que uma decorrência natural dessa dificuldade de compreender os textos-fonte lidos é a compulsão para reproduzir o já dito, o que coloca esse estudante no limite entre dois procedimentos: o de parafrasear, de dizer com suas próprias palavras o dizer de outrem, e o de reproduzir fielmente o dizer do outro como se ele fosse a fonte desse dizer, caracterizando caso de plágio.

Diante desse quadro pouco animador, o presente estudo, ao mesmo tempo em que se fundamenta em pesquisas já realizadas na área, procura contribuir com o debate acerca do plágio, ao discorrer sobre essa armadilha que caracteriza os limites da apropriação do dizer do outro na produção de textos acadêmico-científicos produzidos por estudantes universitários.

Esse é um debate que, hoje, praticamente se impõe como necessário e relevante para todos os que têm demonstrado preocupação com a qualidade das produções textuais na esfera acadêmico-científica. Desse modo, ressaltamos a pertinência desse estudo, sobretudo porque nos permite colocar em discussão a produção textual escrita divulgada em ambientes de circulação do conhecimento científico, bem como discutir sobre estratégias linguísticas, textuais e discursivas de construção de sentidos e, assim, propiciar a formação de autores autênticos nas práticas da escrita acadêmica.

Para essa discussão, dialogamos, principalmente, com os estudos de Paiva (2005), em sua abordagem sobre o problema do plágio; com os estudos de Hilgert (2002, 1997), sobre seus conceitos e classificações de paráfrases numa perspectiva textual-interativa; com os estudos de Eco (1991) e de Santos (2000), na perspectiva dos manuais de metodologia científica sobre esse mesmo assunto. Baseados nesses estudos, faremos, a seguir, uma discussão envolvendo o citar na escrita acadêmico-científica, voltando nossa atenção para a paráfrase e o problema do plágio; em seguida, analisaremos fragmentos de textos e faremos algumas considerações referentes aos fragmentos tomados para análise.

2. A citação na escrita acadêmico-científica: da paráfrase ao plágio

Para tratar dessa que é uma questão tão complexa e melindrosa, recuperamos aqui, inicialmente, dizeres de Paiva (2005), num texto em que a autora discute acerca da dimensão ética no universo do fazer científico. Nesses dizeres, a autora questiona a apropriação de trabalhos alheios:

O plágio tem sido considerado como cópia integral ou parcial de trabalho intelectual alheio, sem a devida menção ao autor. Os problemas, no entanto, não se restringem à cópia. Informar ao leitor, no início de um texto, por exemplo, que aquele trabalho é baseado em outro não dá o direito de reproduzir, *ipsis literis*, o texto de outrem, sem as devidas aspas. (p. 53)

Na ordem de reflexão empreendida pela autora, chama atenção, fundamentalmente, a compreensão de que o reconhecimento do dizer de outrem não autoriza o autor de um texto a reproduzir *ipsis literis* o dito. Nessa mesma ordem de reflexão podemos englobar também a discussão acerca das alterações sutis operadas em um texto acadêmico-científico construído com base em ideias de um outro texto (aqui compreendido como texto-fonte) e que mascaram casos de plágio, acreditando o autor tratar-se do procedimento da paráfrase. Nesse ponto, esbarramos nos limites entre o que constitui plágio e o que constitui paráfrase.

Numa perspectiva dos estudos linguísticos, uma das possibilidades de conceber a paráfrase é como atividade de reformulação textual, em que os enunciados P (paráfrase) e M (matriz) mantêm entre si uma relação de equivalência semântica (HILGERT, 1997). Na visão de Hilgert (2002, 147-149), a reformulação compreende dois movimentos

semânticos (especificação e condensação), que se relacionam ao aspecto formal (entenda-se características lexicais e sintáticas) da paráfrase, a saber:

1) expansão parafrástica – “consiste no fato de o parafraseamento se realizar por meio de um enunciado lexical e sintaticamente mais complexo do que a matriz” (p. 147). Tem como funções explicitar, definir, precisar e especificar as informações da matriz.

2) condensação parafrástica – realiza-se “quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase se formula numa unidade lexical e sintaticamente mais simples, isto é, quando a formulação da paráfrase se desenvolve em sentido contrário ao da expansão, identifica-se a condensação”. (p. 147). Tem como funções concluir, resumir e denominar.

3) paralelismo parafrástico – consiste em “paráfrases que se formulam na mesma dimensão léxico-sintática de suas matrizes” (p. 149). Ocorre quando há simples variação ou substituição lexical do texto parafrástico em relação ao texto matriz. Nesse tipo de paráfrase, o movimento semântico pode ser tanto de especificação como de condensação, e em geral é motivada pela necessidade de adequação vocabular ou da precisão terminológica.

Como se pode perceber, a paráfrase, seja ela mais expansiva ou resumidora, ou ainda paralela, consiste em um trabalho de interpretação e transformação do conteúdo do texto matriz, compreendendo, pois, uma equivalência semântica, independente das alterações que se manifestarem no plano formal.

De outro modo, nos manuais de metodologia científica, associa-se paráfrase à citação indireta, como o faz Eco (1991), para quem paráfrase é repetir com as próprias palavras o pensamento do autor do texto lido. Essa visão também é compartilhada por Santos (2000), que concebe a paráfrase como a “apresentação do conteúdo de ideias de outrem, porém com palavras próprias. Mantém-se o conteúdo, mas modifica-se a forma de transmiti-lo” (p. 94). Ele destaca que, além da fidelidade à ideia original, se deve cuidar para que a paráfrase não se caracterize como plágio. Nesse sentido, de acordo com ele, é necessário bom domínio de linguagem, para que se expresse a mesma ideia em linguagem e arranjo originais.

Observados esses pontos de vista, um questionamento levantado por Eco (1991) se impõe, qual seja: o de saber até que ponto as palavras reproduzidas, repetidas são realmente paráfrase e não *citações sem aspas*. Esse procedimento de simplesmente informar, antes ou depois, ou em nota de rodapé, que está se referendando em determinado autor, não o livra da condição do plágio, afirma Eco (1991). Diante disso, esse estudioso provoca um outro questionamento: como ter certeza de que uma paráfrase não é um plágio? O autor aponta para a questão do tamanho da paráfrase, destacando que esta pode ser tanto menor (o que sugere ser o caso mais comum) quanto maior que o texto-fonte. Ele afirma que se pode esclarecer melhor essa questão considerando a compreensão dos tipos de paráfrase. Nesse sentido, Eco (1991) aponta três tipos de paráfrase, quais sejam: *paráfrase honesta*, *paráfrase quase textual que evita plágio* e *falsa paráfrase*.

Na visão desse autor, a *paráfrase honesta* seria aquela em que, de fato, o autor do texto conseguiu reproduzir com suas palavras o dito por outrem; a *paráfrase quase textual*

que evita plágio seria aquela em que o autor consegue mesclar suas palavras com as palavras do autor citado, tratando de refazer alguns trechos do discurso fonte; e a *falsa paráfrase* seria aquela em que, descaradamente, o autor, embora, por vezes, atribuindo o trecho a outrem, reproduz esse trecho quase *ipsis literis*, não fazendo uso das aspas. Essa última forma de paráfrase é o que ele qualifica de *citações sem aspas*, que caracteriza um plágio, como podemos comprovar no exemplo abaixo. Observamos que o texto 02, recortado de um texto monográfico de um aluno de curso de licenciatura em Letras, constitui uma reprodução do trecho de um texto de Bezerra (2005), o textofonte.

| TEXTO 01: TEXTO-FONTE | TEXTO 02 – TEXTO REPRODUZIDO |
|---|--|
| Aceitando-se o conceito “gênero discursivo” ou “gênero textual”, o que se constata é que <u>a linguística aplicada, preocupada com o ensino de língua materna, defende a idéia de que se deve favorecer o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos e, para isto, os textos escritos e orais sejam objeto de estudo (leitura, escrita e produção).</u> | De acordo com Bezerra (2005), <u>a linguística aplicada, preocupada com o ensino de língua portuguesa nas escolas, defende a idéia de que deve ser prioridade do ensino desenvolver a competência comunicativa dos alunos e que para isso é preciso que os textos orais e escritos sejam objeto de estudo constante, ou seja, leitura, análise e produção.</u> |

Comparando-se os dois recortes acima, com ênfase na parte destacada, percebe-se claramente que, excetuando-se aspectos como a atribuição da fonte do texto (*De acordo com Bezerra (2005)*), a omissão de um ou outro termo ou construção (*Aceitando-se o conceito “gênero discursivo” ou “gênero textual”, o que se constata é que*), a inversão de palavras (*textos escritos e orais x textos orais e escritos*) e substituição lexical de uma ou outra palavra (*deve favorecer o desenvolvimento da competência comunicativa x deve ser prioridade do ensino desenvolver a competência comunicativa*), o texto 02 constitui uma reprodução praticamente literal das palavras do texto-fonte, o que o caracteriza como um caso típico de plágio. É plágio, porque se observa que aí o seu autor não se deu ao trabalho de expressar com suas próprias palavras o conteúdo que foi dito no texto-fonte, não conseguindo, portanto, realizar uma atividade de reformulação textual, nem na dimensão do paralelismo sintático, tampouco da expansão parafrástica ou da condensação parafrástica, nos termos como se entende a paráfrase nas formulações de Hilbert (1997).

É interessante destacar o caso acima porque ele aponta para a necessidade de atenção e/ou preocupação, particularmente, com relação ao uso das citações indiretas no texto acadêmico-científico. É possível acreditar que muitos dos casos de uso de citações indiretas com que lidamos na escrita desses textos configurem, na verdade, reprodução literal das palavras do texto-fonte, mascaradas pela explicitação do nome de seu autor e pela ausência de aspas. Aí reside a armadilha: encobre-se o plágio, por se acreditar que simplesmente a indicação da fonte e a ausência de aspas seja uma evidência de que o autor do texto tenha se dado ao trabalho de interpretar o texto-fonte, de parafrazeá-lo. Também merece aqui a ressalva de que o fragmento em análise não pode ser tomado como caso de paralelismo parafrástico, uma vez que não se observa a necessidade de precisar especificamente algum termo ou expressão do texto fonte (matriz), ou seja, não houve necessidade de precisão terminológica, tampouco de adequação vocabular, de modo a demonstrar por parte do autor do texto acadêmico um esforço de resignificação, que é característico da atividade de reformulação parafrástica. A porção reproduzida (quase que

fielmente, como observamos) foi do todo e não de trechos específicos necessitados de explicitação/explicação ou mesmo de denominação resumidora da matriz, assim não se caracteriza como paralelismo.

O fragmento disposto abaixo evidencia claramente mais um exemplo de falsa paráfrase, ou mais precisamente de plágio, quando o autor do texto acadêmico, mesmo citando o autor-fonte, reproduz literalmente as palavras desse autor.

| TEXTO 01: TEXTO-FONTE | TEXTO 02 – TEXTO REPRODUZIDO |
|---|--|
| <p>Outra questão importante para o ensino de língua materna é a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua <u>altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto a postura que se tem relativamente à educação.</u></p> | <p>Na visão de Travaglia (1996) <u>a concepção de linguagem é tão relevante quanto a postura que se tem relativamente a educação.</u> Isso deixa claro que a concepção de linguagem que subjaz a prática do professor <u>altera e muito a forma como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino.</u></p> |

Neste caso, observam-se porções menores reproduzidas literalmente no trecho supostamente parafraseado e mescladas com as palavras do autor do texto, ocorrendo apenas a substituição do termo *importante* por *relevante*. Esse tipo de procedimento ocorre de diferentes maneiras, como temos observado: o autor do texto acadêmico pode praticar a colagem de porções maiores do texto-fonte, em que tal colagem aparece encoberta por uma forma de citação em discurso indireto ou mesmo na modalização em discurso segundo, ou pode fazer recortes de trechos do texto-fonte, montando o seu próprio discurso com trechos do discurso alheio, sem usar aspas ou qualquer outro recurso tipográfico que indique que aquela porção do texto não é sua. É o que podemos ver em mais outro fragmento de texto acadêmico-científico.

| TEXTO 01: TEXTO-FONTE | TEXTO 02 – TEXTO REPRODUZIDO |
|--|--|
| <p>Como diz Neder (1992:42 e 43), citando Bakhtin (1996:123), para esta concepção</p> <p><u>a verdadeira substância da linguagem não é construída</u> por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas <u>pelo fenômeno social da interação verbal</u>, realizada pela enunciação ou pelas enunciações (cf. nota 7). A interação verbal constitui, assim, a <u>realidade fundamental da linguagem.</u></p> | <p>Para Travaglia (1996), <u>a verdadeira substância da linguagem é constituída pelo processo de interação verbal</u>, segundo ele, <u>realidade fundamental da linguagem.</u></p> |

No fragmento acima, as palavras reproduzidas literalmente (como se observa no trecho *a verdadeira substância da linguagem* e em *é constituída pelo processo de interação verbal*, bem como na porção *realidade fundamental da linguagem*) não são propriamente de Travaglia, mas de Bakhtin, que por sua vez foi citado por Neder (1992).

O autor do texto acadêmico não pretendeu ou não soube atentar para este detalhe e fez recortes literais de trechos do texto-fonte para constituir o que seria a estrutura de uma citação na forma de modalização em discurso segundo. Assim, mesmo que o autor do texto acadêmico atribua a Travaglia a responsabilidade pelo conteúdo do discurso citado e mantenha com esse discurso um equivalente semântico, as palavras de certas porções do texto de Travaglia foram coladas sem a devida marcação com algum dos recursos tipográficos (aspas, itálico, entre outros), logo novamente identificamos esse procedimento como falsa paráfrase, ou, numa outra terminologia, como caso de plágio disfarçado de paráfrase.

Os fragmentos analisados evidenciam a dimensão de uma dificuldade do estudante universitário no que se refere à ação mais ampla de instaurar o diálogo com o outro (autores/estudiosos/teóricos de determinadas áreas do saber) nos textos acadêmico-científicos. Seja deparando-se com limitações de interpretação dos textos-fonte lidos, seja por conta da pouca habilidade no manejo de estratégias linguísticas, textuais e discursivas necessárias às operações de parafraseamento, em suas diversas formas e funções, o estudante acaba apresentando um texto acadêmico escrito, no mais das vezes excessivamente recheado de recortes (longos, curtos, mais explícitos, menos explícitos) de textos alheios, sem atender as devidas convenções de citação do discurso do outro. Como resultado, a prática do plágio se evidencia e atesta os limites dessa produção acadêmica.

3. Conclusão

Neste estudo, analisamos o movimento de paráfrase/reformulação textual, mais precisamente referente à armadilha que caracteriza os limites da apropriação do dizer do outro na produção escrita de textos acadêmico-científicos produzidos por estudantes universitários. Para isso, retomamos estudos realizados na área, bem como estudiosos que discorrem sobre o assunto e examinamos fragmentos de texto que evidenciaram problema de plágio na escrita desses estudantes.

Os resultados a que chegamos apontam para os seguintes pontos: (i) a necessidade que temos, como professores do ensino superior e como orientadores e examinadores de textos acadêmico-científicos, de todas as áreas do conhecimento, de sermos mais vigilantes na orientação e na correção desses textos; (ii) o incentivo cada vez mais do exercício da paráfrase, como estratégia de formulação textual, desde o início da formação acadêmica de nossos alunos, na perspectiva de ajudá-los a superar as dificuldades de interpretar e construir sentidos para os textos que leem.

Passar a assumir essa postura representa, pois, uma demonstração de comprometimento com uma escrita acadêmico-científica comunicativamente relevante e bem sucedida. Representa, ainda, um compromisso para com a formação oferecida em cursos de licenciatura, especialmente de Letras, o que, representa, por conseguinte, uma forma de contribuir com o ensino da escrita na educação básica, considerando-se que o desenvolvimento de uma prática de produção de textos que se afaste do mero exercício da reprodução está diretamente condicionado à formação de professores conscientes do

desafio de enfrentar e capazes de combater a cultura do copiar – colar, tão frequente também na sala de aula da educação básica.

4. Referências

BERNARDINO, R. A. dos S. **A reformulação parafrástica na fundamentação teórica de trabalhos de conclusão do curso de Letras**. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BESSA, J. C. R. **Referência ao discurso do outro: uma análise de problemas de relações de sentido entre discurso citado direto e discurso citante no gênero monográfico**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

_____; BERNARDINO, R. A. dos S.; NASCIMENTO, I. A. de A. Formas de retomada de discurso citado na construção de sentidos em textos acadêmicos. **Intersecções**, Jundiaí, ano 4, n. 1, p. 17 – 38, Jundiaí, 2011.

Eco, U. **Como se faz uma tese**. Trad. Gilson Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FIGUEIREDO, D. de C.; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 413-446, set./dez. 2006.

HILGERT, J. G. O parafraseamento na articulação do texto falado. In: Ingedore G. V. Koch; Kazuê S. M. de Barros. (Org.). **Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação**. Natal, RN: EDUFRN, v. 1, 1997, p. 59-66.

PAIVA, V. L. M. de O. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 43-61, 2005.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2000.